

VIOLÊNCIA: INDISCIPLINA E *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR

VIOLENCE: INDISCIPLINE AND BULLYING IN SCHOOL ENVIRONMENT

Nádia Roberta de Paula Guedes de **SOUZA**^{1*}, Renata **FERNANDES**², Joaquim **MARTINS JÚNIOR**³

1. Educadora Física, Especialista em Morfofisiologia Aplicada ao Exercício, Especialista em Anatomia e Histologia: métodos de ensino e pesquisa. Mestranda em Promoção da Saúde pelo Centro Universitário de Maringá 2. Cirurgiã-Dentista, Especialista em Endodontia, Especialista em Anatomia e Histologia: métodos de ensino e pesquisa. Mestranda em Promoção da Saúde pelo Centro Universitário de Maringá (CESUMAR) (CESUMAR). 3. Educador Físico, Especialista em Educação Física, Mestre em Ciência do Movimento, Doutor em Educação. Docente do Mestrado em Promoção da Saúde do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR).

*Rua Rosa Cruz, 1174-A, Maringá, Paraná, Brasil. CEP:87060-380 nana_dpaula@hotmail.com

Recebido em 08/07/2013. Aceito para publicação em 18/07/2013

RESUMO

A violência nas escolas vem acontecendo pela ocorrência de vários comportamentos inconsistentes e culturais que regulam a vida nas instituições escolares. O desenvolvimento de estratégias e recursos educativos orientados para a cidadania, a participação social, a tolerância, podem ajudar na prevenção de ataques de *bullying* no ambiente escolar. Nosso objetivo é o de descrever a respeito da violência, indisciplina e *bullying* nas escolas, caracterizando os sujeitos envolvidos, para que pais e professores possam identificá-los e tomar atitudes cabíveis. Realizou-se levantamento bibliográfico a partir de livros e publicações científicas vinculadas a bases de dados referenciadas. Espera-se que o presente trabalho possa esclarecer a relação entre as formas de violência nas escolas, para que pais e professores possam encontrar uma solução para os conflitos.

PALAVRAS-CHAVE: violência, indisciplina, *bullying*.

ABSTRACT

The violence in schools is coming by the occurrence of various behaviors inconsistent and regulating cultural life in schools. The development of strategies and targeted educational pathways to citizenship, social participation, tolerance, do indiscipline in school they can help in the prevention of *bullying* attacks in the school context. The objective is had of describing on the violence, indiscipline and *bullying* in the schools, characterizing the involved subjects, so that parents and teachers can identify them and to take reasonable attitudes. For this present work, a bibliographical review was developed in books and scientific publications quoted at referenced databases. It is waited that the present work can explain the relationship among the violence forms in the schools, so that parents and teachers can find a solution for the conflicts.

KEYWORDS: violence, indiscipline, *bullying*.

1. INTRODUÇÃO

Qualquer pessoa ligada às práticas escolares contemporâneas, seja como educador, seja como educando, ou público mais geral (pais, comunidade, entre outros), consegue ter uma razoável clareza quanto àquilo que nos acostumamos a reconhecer como a "crise da educação". Sabemos todos diagnosticar sua presença, mas não sabemos direito sua extensão nem suas razões exatas.

É certo, pois, que grande parte dos problemas que enfrentamos como categoria profissional, inclusive no interior da sala de aula, parece ter relação imediata com essa lastimável falta de credibilidade da intervenção escolar e, por extensão, da atuação do educador. Além disso, se a imagem social da escola está ameaçada, algo de ameaçador está acontecendo também com a idéia de cidadania no Brasil, uma vez que não há cidadania sustentável sem escola.

O aluno-problema é tomado, em geral, como aquele que padece de certos supostos "distúrbios psico/pedagógicos"; distúrbios estes que podem ser de natureza cognitiva (os tais "distúrbios de aprendizagem") ou de natureza comportamental, e nessa última categoria enquadra-se um grande conjunto de ações que chamamos usualmente de "indisciplinadas". Dessa forma, a indisciplina e o baixo aproveitamento dos alunos seriam como duas faces de uma mesma moeda, representando os dois grandes males da escola contemporânea, geradores do fracasso escolar, e os dois principais obstáculos para o trabalho docente, surgindo assim o termo "violência escolar"¹.

Frequentemente, a família e a escola promovem situações em que crianças e adolescentes, são levados a

circunstâncias onde a forma adequada do indivíduo se construir como pessoa e atingir seus objetivos é através da competição. Entretanto, o estímulo ao individualismo e à competição conduzem ao desrespeito e ações de violência².

Considerando o contexto escolar, circunstâncias de violência intencional e repetidas são conhecidas como *bullying*. Este fenômeno é considerado um modo de afirmação de poder interpessoal por meio de ações agressivas, e, entre as formas de envolvimento dos estudantes estão os alvos/vítimas, os autores/agressores, e as testemunhas^{3,2}.

O *bullying* envolve ações de agressão sem motivação evidente, ocorrendo em uma relação desproporcional de poder, podendo ser devido a diferenças no desenvolvimento físico, idade, desenvolvimento emocional, entre outros fatores³.

Em geral, sentimentos de medo e vergonha fazem com que os estudantes não relatem o sofrimento que vivenciam na escola. Por este motivo, é de extrema importância que os pais observem o comportamento de seus filhos e conversem abertamente sobre o assunto⁴.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para a presente pesquisa foram utilizados artigos científicos relacionados ao tema em foco, publicados entre os anos de 1998 e 2012, usando-se como palavras-chave os termos: violência, indisciplina, *bullying*. Ao final do levantamento bibliográfico, foram efetivamente utilizados 13 artigos, selecionados conforme a qualidade e relevância com o tema proposto.

3. DESENVOLVIMENTO

Indisciplina Escolar

A escola é uma instituição extremamente complexa e a sua função é a sistematização dos conhecimentos necessários para a sua clientela facilitando a inserção do indivíduo no mundo social, onde este deve aprender as formas de conduta social e as técnicas para sobreviver, aquisição de habilidades básicas (como ler, escrever, expressar-se, lidar com a aritmética) e os conhecimentos científicos.

Com o passar do tempo a função social da escola passa a uma perspectiva muito além do ler e escrever. A escola é para a vida, inserindo conhecimentos no meio social, político e econômico, tornando-os verdadeiros cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, tornando-os agentes transformadores de nossa sociedade.

Segundo a Constituição Brasileira de 1988, a educação é um direito de todos e um dever do Estado e da família. No artigo 205 diz que sua finalidade é o pleno

desenvolvimento da pessoa, seu preparo para a cidadania e sua qualificação o trabalho. A LDB retoma esse dispositivo no artigo 2º. A missão da cada escola, gestor, professor é promover o pleno desenvolvimento do educando, preparando-o para a cidadania e qualificando-o para o mercado de trabalho. Isso significa que não basta cuidar apenas da tarefa de ensinar, mas de dar atuante⁵.

Os educadores devem ser preparados para conceber a educação como um processo permanente de aprendizagem e reconstrução do conhecimento que propicie o aprender a conhecer, a fazer, a ser e a conviver em grupo. A educação assim concebida indica uma função da escola voltada para a realização plena do ser humano, alcançado pela convivência e pela ação concreta e qualificação do conhecimento⁵.

E para falarmos de indisciplina precisamos primeiro entender o que isto significa. Quanto a conceituação de indisciplina e, por consequência de disciplina, definimo-la como toda ação moral executada pelo sujeito e que está em desacordo com as leis impostas ou construídas coletivamente, tendo o indisciplinado consciência ou não deste processo de elaboração⁶.

Na maior parte das escolas a indisciplina quase sempre emana de três focos: a escola e sua estrutura, o professor e sua conduta e o aluno e a bagunça⁷. Então, a escola deve procurar o foco da indisciplina e tentar agir na raiz do problema.

A tarefa de educar, não é responsabilidade da escola, é tarefa da família, que ao docente cabe repassar seus conhecimentos acumulados, ele ainda aponta que a solução pode estar na forma da relação entre professor e aluno, ou seja, a forma que suas relações e vínculos se estabelecem, aponta também outra solução é o resgate da moralidade do discente através da relação com o conhecimento e que este deve ser construído socialmente, sem rigidez ou autoridade¹.

Assim os salários baixos e as péssimas condições de trabalho além de dificultar, desvalorizam a ação educativa dos profissionais que atuam na educação⁷.

Isso pode contribuir para gerar atritos entre professores e alunos, causando o aumento da indisciplina na sala de aula, e conseqüentemente prejuízos no aprendizado por causa da insatisfação profissional.

Entretanto as questões disciplinares têm ocupado um espaço cada vez maior no cotidiano escolar no país e a grande insatisfação decorrente dessas questões tem constituído em causa de abandono e de doenças, principalmente nervosas⁹.

E nessa perspectiva diz que: [...] as reclamações dos professores, atualmente partindo até mesmo dos professores da pré-escola, é uma tendência que ainda não é generalizada, porém é preocupante e merece nossa reflexão e discussão, uma vez que é causa de repetência e evasão escolar também constitui consequência de fracasso do planejamento inicial do professor e da

escola, o que serve para reforçar a necessidade de aprofundar nessas questões¹⁰.

Estudos realizados descreve a maneira como os docentes enxergam o conceito de indisciplina:[...] conversar, mexer-se, falar palavrão, ser agressivo, não usar uniforme, não trazer material, não ter interesse ou compromisso, não ter respeito, não ter educação, responder ao professor, ser agitado, imperativo, não sentar, não se concentrar, brigar. (...) Prevalece, nas definições de indisciplina, o que falta, o negativo, o oposto do que é idealizado e esperado pelos professores. Também destacam os comportamentos que remetem a algum tipo de movimentação. Conversa, agressividade, desinteresse em responder ao professor, também aparece frequentemente no desabafo dos professores⁸.

A prática educativa deve desenvolver um caráter formador, propiciar relações, treinar a experiência do ser social que pensa, se comunica, que tem sonhos que tem raiva e que ama¹¹.

Baseado nessa filosofia, o educando deve dar a devida importância à parte social do aluno, porque é nela que ele vive sua realidade dia-a-dia, é nela que ele desenvolve seus instintos.

Assim, observa-se que, em muitos casos, crianças e adolescentes acabam ficando aos cuidados de parentes (avós, tios), estranhos (empregados) ou das chamadas babás eletrônicas, como a TV e a Internet, vendo seus pais somente à noite, deixando assim a desejar no acompanhamento da vida escolar e até mesmo do cotidiano de seus filhos, e gradativamente a família, tem transferido para a escola a tarefa de formar e educar.

A família deve, portanto, estar presente em todos os momentos da vida de seus filhos. Presença que implica envolvimento, comprometimento e colaboração. Devem estar atenta as dificuldades não só cognitivas, mas também comportamentais. Estando disponível para intervir da melhor maneira possível, visando sempre o bem de seus filhos.

Bullying

O termo *bullying*, surgiu em 1970 na Noruega, e não apresenta tradução para o português. É utilizado para definir atitudes de violência que ocorrem de forma proposital e repetitiva contra um ou mais alunos que se encontram impossibilitados de se defender das agressões sofridas. Ocorre uma relação desigual de poder, onde os mais fortes utilizam os mais vulneráveis como objetos de diversão, satisfação e poder, com a intenção de maltratar, intimidar, humilhar e causar medo em suas vítimas^{3,4,2,11}.

O *bullying* pode se manifestar através de comportamentos de agressividade física, atitudes verbais, maus tratos psicológicos, e ataques à propriedade. Sempre existe o envolvimento de pelo menos, dois indivíduos, aquele que agride e aquele que é vitimizado¹³.

Em relação ao gênero, estudos atuais revelam um su-

til predomínio do gênero masculino sobre o feminino. No entanto, as ações dos meninos são mais visíveis por utilizarem a força física e terem atitudes mais agressivas. Já as meninas costumam passar despercebidas por praticarem o *bullying* baseado em intrigas e isolamento social⁴.

As conseqüências dependem da forma e da intensidade das agressões, podendo causar transtornos na vida adulta, necessitando inclusive, de ajuda psicológica e/ou psiquiátrica para superar o trauma⁴.

Para que se possa prevenir a prática do *bullying*, é necessário tornar o ambiente escolar mais seguro, capaz de transformar as relações interpessoais, permitindo gerar vínculos de amizade em clima de colaboração¹³.

Agressor

Os indivíduos agressores almejam o controle, o reconhecimento, e diversão à custa do sofrimento alheio¹³. Na escola, realizam brincadeiras inadequadas, colocam apelidos pejorativos nos colegas, menosprezam, constroem, ameaçam, e ainda, furtam objetos que pertencem a outros estudantes⁴. Quando os agressores notam que estão conseguindo provocar o alvo, sentem-se vencedores e sem nenhuma criatividade, continuam repetindo o mesmo padrão de ataque¹³.

O indivíduo que agride não sente empatia pelo alvo, devido as experiências ao longo de sua vida terem sido compostas em grande parte, por comportamentos agressivos. Desta forma, o agressor sente prazer em rir da vítima, ao invés de se sensibilizar com seus sentimentos².

Na vida adulta, os autores de *bullying* podem manter este modelo de agressividade, com tendência a desrespeitar as leis e exibir comportamentos antissociais. Desta forma continuam humilhando e agredindo os indivíduos que consideram diferentes¹³.

Alvo / Vítima

O *bullying* é um fenômeno bastante complexo. A vitimização acontece quando um indivíduo é alvo de ações agressivas de um outro indivíduo mais poderoso. Em geral, as vítimas são mais fracas ou mais novas que os autores, são inseguras, ansiosas, e não possuem capacidade para se defender, e assim, acabam sofrendo com as agressões sem saber o que fazer para se defender¹².

Motivadas por medo e vergonha, poucas vítimas pedem ajuda aos pais ou às autoridades escolares. Acreditam que esta é a forma ideal de evitar possíveis retaliações dos indivíduos agressores, e que, pouparão seus pais da decepção de ter um filho covarde e impopular na escola⁴.

Alguns sintomas são passíveis de serem observados em alunos vítimas das agressões, entre eles, isolamento, relatos de medo, depressão, agressividade e resistência em ir à escola. Portanto, é fundamental que a família e a

escola possam intervir para encorajar as vítimas a denunciar casos de agressão, e a agir de modo a coibir novas agressões¹².

É importante esclarecer para as vítimas que determinadas atitudes, posturas ou condutas, podem facilitar sua escolha como alvo, assim como outros tipos de comportamentos podem inibir a continuidade das agressões. Existem casos em que a troca de escola, associada a uma mudança de postura, possibilita a construção de uma rede de relacionamentos mais acolhedora¹³.

Testemunhas

Grande parte dos alunos, não se envolve diretamente em episódios de *bullying*, mas acabam presenciando as ações agressivas do autor contra a vítima. No entanto, a forma como os alunos que testemunham os ataques reagem ao *bullying* permite classificá-los em auxiliares (participam intensamente da agressão), incentivadores (estimulam o autor a agredir), observadores (somente observam a agressão), e defensores (defendem a vítima ou chamam um adulto para descontinuar a agressão)³.

Alguns alunos presenciam as agressões por acreditar ser o melhor caminho para a conquista da popularidade, outros aderem por pressão dos colegas, e existem aqueles que presenciam por medo de serem relacionados a figura da vítima. Geralmente os alunos se calam, por receio de ser o próximo alvo³.

Com um grupo de testemunhas participativas, o poder de intimidação dos agressores aumenta. Os indivíduos são convencidos pelos agressores a bater, vaiar, xingar e a espalhar mensagens de conteúdo ameaçador ou difamatório nas redes sociais. Já as testemunhas protetoras, se juntam às vítimas e acabam impedindo os ataques de *bullying*, protegendo o alvo, e criticando o comportamento do agressor¹³.

4. CONCLUSÃO

Devido à complexidade e a intensidade com que os problemas de indisciplina têm sido vivenciados no cotidiano escolar vê-se que a escola precisa desenvolver políticas internas para lidar de forma preventiva com a indisciplina e o *bullying*, precisa também de uma mudança de postura do professor com relação às rotulagens dos alunos, planejar melhor as aulas com novas metodologias e aulas mais dinâmicas e atrativas para que pos-

sam chamar a atenção dos alunos.

O trabalho deve ser realizado em equipe, com a participação de todos os envolvidos no processo ensino e aprendizagem, em especial o retorno da participação da família no ambiente escolar de seus filhos, frequentando mais as reuniões, conselhos de classes participativos, eventos culturais, conversando com professores e equipe pedagógica e participação efetiva na tomada de decisões da Unidade Escolar através do Conselho Escolar.

REFERÊNCIAS

- [1] Aquino J. Indisciplina e a escola atual, *Rev. Fac. Educ.*, vol.24 n.2 São Paulo July/Dec. 1998.
- [2] Pinto RG, Branco AU. O bullying na perspectiva sociocultural construtivista. *Rev. Teoria e Prática da Educação*. 2011; 14(3):87-95
- [3] Lopes Neto A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*. 2005; 81(05).
- [4] Conselho Nacional da justiça. *Bullying. Cartilha - Projeto Justiça nas Escolas*. Brasília, 2010.
- [5] Penin, Sônia Teresinha de Sousa, et al. *PROGESTÃO: como articular a função social da escola com as especificidades e as demandas da comunidade? Módulo I*. Brasília: CONSED- Conselho Nacional de Secretários de Educação, 2001
- [6] La Taille I. et al. *Indisciplina/Disciplina: ética, moral e ação do professor*. Editora Mediação. Porto Alegre, 2005.
- [7] Antunes C. Professor bonzinho = aluno difícil. *Disciplina e indisciplina em sala de aula*. Fascículo 10; Na Sala de Aula. Vozes. 2002
- [8] Freller CC. *Histórias de Indisciplina Escolar: o trabalho de um psicólogo numa perspectiva winnicottiana*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001
- [9] Marriel LC.; Assis, S. G.; Avanci, J. Q.; Oliveira, R. V. C. *Violência escolar e auto-estima de adolescentes*. *Cadernos de Pesquisa*. 2006; 36(127):35-50.
- [10] Irineu MH. *A indisciplina no contexto escolar*. Minas Gerais, Dezembro de 2008. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/educacao-artigos/a-indisciplina-no-contexto-escolar-1100296.html>>. Acesso em 03, 2012.
- [11] Freire P. *Pedagogia da Autonomia*, 33ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996;
- [12] Seixas SR. *Violência escolar: metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas*. *Análise Psicológica*. 2005; 2(23):97-110.
- [13] Maldonado MT. *Bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco?* São Paulo: Moderna, 143p. 2011.

